

Liberdade: os limites do prazer **2**

Roberto Curi Hallal¹

O prazer, ingênuo, travestido, sacana e safado, comportado, oculto ou vestido na fantasia que o comporta; sempre pleno e irresponsável na percepção; assustadora forma de romper a solidão com suas formas limitadas. Ocasionalmente, sem pedir licença, interrompe o nosso sono, trabalho e concentração. Como domínio preto, cobre o corpo inteiro a não mostra o rosto, mas como palhaço, passa a constituir-se numa forma urgente de estardalhaço e de fazer rir.

Se violento e imposto, o prazer rompe a candura esperada e decepçionante de quem o sofre; se brincalhão, inclui o cheiro dos corpos e caminhos novos a despertar a curiosidade de fazer-se escondido.

Às vezes pleno, o prazer é inconstante, insone; outras, irrigador das partes áridas do corpo de quem descobre de novo pela primeira vez. Às vezes perfume, bebida, Praia, jeito de olhar ou lembrança; outras, é sorriso, ombro, boca ou uma nova forma de gozar.

Aquele que o vive e sente corre o risco de ser feliz. Aquele que consegue tê-lo completo em alguém acaba preenchendo com a imaginação, a sua falta. Assim como a satisfação não cabe numa só meta, o amor não cabe numa só pessoa, a satisfação, num só objeto, as frases musicais numa só partitura, assim também a abrangência da expectativa ideal jamais será permanente satisfeita no real. O sujeito que percebe a vontade do prazer mobiliza-se no sentido da renúncia ou do gozo, assim como decorador esforçado em produzir acabamento exclui ou inclui peças e vira sonhador

1. Psicanalista.
Recebido em 30.09.93

e poeta criando versos sem rima, embora às vezes, como animal, só queira possuir deixando de lado o acessório da ternura e da consideração.

É ingênuo pensar-se que os amantes só amam. Precisam também ser amados.

O corpo fala do gozo. A renúncia dele leva a censura que vitoriosa, parabeniza o renunciante, que desavisado não sabe da conexão que um o caminho do adiamento e o da depressão, a qual nos faz pensar pequeno, desaproveitando os potenciais esquecidos. Ao esquecer das paixões, o coração aposentado dispara, a boca desértica seca e a coxa molha. A saudade presente é quem na esperança opõe-se à desistência.

A inibição nos leva amadoristicamente a gerenciar as discórdias e a administrar a solidão.

Entre mortos e feridos passamos a ser contadores de histórias passadas como se, por distantes, elas não nos pertencessem; ou como se ocultando as paixões, pudéssemos abortá-las por impossíveis.

A legião crescente de queixosos são meros amantes frustrados que ao perderem o passo, não se atualizaram no cuidado de si mesmos. Acabando por se tornarem vítimas da própria censura.

Os prazeres entregues aos sonhos promovem o pesadelo, mas se disfarçam na virgília, na desesperança, no envelhecimento precoce, e oferecem conteúdo à acusação, perpetuando a cegueira própria de quem se esforça para não acreditar no amor.

Ainda que a maravilhosa memória se negue a esquecer, o prazer volta disfarçado em sintomas como denúncia de desejos incumpridos. Seus disfarces se combinam com saudades, repetições gerenciando tédios e buscas, constituindo-se assim em uma oposição ao viver.

Cabe ao humano, como recurso pensar que o prazer é atemporal, sem regras, que não tem nome de pessoa, não é passível de contenção constante, que é irreverente na forma e no conteúdo,

Todas as especulações em contrário são arranjos hábeis da censura visando impedir a existência do prazer na plenitude enquanto fenômeno vital, manifestação própria do ser humano.

Os deuses controlam o prazer proibindo-o; os humanos o sentem quando se permitem.